

OFICINA DE INCLUSÃO DIGITAL PARA IDOSOS DO QUILOMBO URBANO DO ALTO DA MARAVILHA EM SENHOR DO BONFIM – BAHIA

Emanuel Ueliton Carvalho Vieira da Silva ¹
Ártus Bolzanni ²
Elane Souza Silva ³

RESUMO

A crescente dos *Smartphones* no cotidiano das pessoas viabilizou a comunicação em larga escala e facilitou o acesso a informações a partir de um “*click*”, contudo, é responsável pela exclusão digital de indivíduos, na sua grande maioria, da terceira idade, na qual é restrita a oportunidade de participar da massa de pessoas incluídas digitalmente. Esse artigo apresenta resultados de uma oficina aplicada no Centro Social Urbano (CSU) localizado no Alto da Maravilha, na cidade de Senhor do Bonfim - BA, intitulada "Inclusão digital: Atualizando uma geração", esta oficina é componente avaliativo da disciplina de Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura em Ciências da Computação do IF Baiano *campus* Senhor do Bonfim-BA, com objetivo de proporcionar ao público idoso autonomia e independência no uso dos *Smartphones*.

Palavras-chave: Inclusão digital, Terceira idade, *Smartphones*.

1 INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU), caracteriza como idoso toda pessoa a partir de sessenta anos de idade (WHO, 2005). Segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população com mais de 65 anos do Brasil passará de 9,22% em 2018 para 25,17% em 2058 (IBGE, 2019). Isso gera a necessidade de implementarem-se políticas públicas para atender a essa parcela da população.

O “envelhecimento ativo”, termo cunhado pela Organização Mundial de Saúde (WHO, em inglês), tem como objetivo melhorar a qualidade de vida das pessoas com o passar da idade. Ele se aplica nas dimensões física, social e mental, promovendo a participação dessas pessoas

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências da Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - BA, emanuelcarvalho123@gmail.com;

² Mestre em Engenharia Elétrica pela UFBA, artus.bolzanni@ifbaiano.edu.br

³ Professora orientadora: Mestre em Ciências pela UFRRJ, Docente do Instituto Federal Baiano, Campus Senhor do Bonfim - BA, elaness@outlook.com.

na sociedade e garantindo proteção, segurança e cuidados adequados à sua realidade (WHO, 2005).

A cidadania, de modo geral, segundo Martins e Presser (2015), “a possibilidade legítima para o exercício dos direitos e deveres civis, políticos e sociais de uma determinada sociedade”. Os autores ainda afirmam que “o acesso à informação é inerente ao exercício da cidadania”. Portanto, não há cidadania de fato, sem acesso irrestrito à informação.

Dada a popularização do acesso à internet e ubiquidade dos computadores, leis, como a Lei nº 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação – LAI), portais da transparência, portais de ouvidoria e outros sistemas públicos tornam o acesso a serviços e bens públicos de maneira mais rápida e eficiente. Todavia, este acesso só pode ser materializado se (1) as pessoas tiverem acesso a computadores ou outros dispositivos, (2) acesso à internet de baixo custo ou gratuita e (3) conhecimento em como utilizar computadores e internet. Caso contrário, parte das pessoas não poderá ter sua cidadania plena exercida.

Apesar das novas tecnologias e o funcionamento da sociedade estar, cada vez mais, em simbiose, os idosos possuem ainda resistência em utilizá-las, como mostrado por Raymundo (2013). Assim, se as tecnologias fazem parte da sociedade e do exercício da cidadania (através do acesso à informação e serviços), então a resistência à tecnologia pode ser fator de isolamento dos idosos da sociedade.

O professor da UFRN, Mário Miguel, afirma que o contato com a informática e, por conseguinte, *smartphones* pode provocar aumento no hipocampo, possibilitando uma melhora cognitiva e na memória (PINTO, 2018). Somado ao fato de que a facilidade de comunicar-se provida pela tecnologia pode diminuir a solidão e o isolamento, então prover a possibilidade de utilizar tecnologias de informação e comunicação é benéfico para a saúde do idoso. Dado fato que, como indicado pela Organização Mundial da Saúde (2005), a solidão e o isolamento são fatores de redução cognitiva nas pessoas mais velhas.

Este trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados obtidos a partir da realização de oficina de inclusão digital para idosos intitulada “Inclusão Digital: Atualizando uma Geração”. Esta prática se deu como parte da disciplina Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura em Ciências da Computação do IF Baiano *campus* Senhor do Bonfim.

O foco da oficina foi o uso de *smartphones*, de maneira que o público alvo ganhasse autonomia mínima para realização de atividades cotidianas com este aparelho. A escolha do tema se deu pelo crescente uso de redes sociais na interação entre as pessoas.

Na Seção 2 é apresentada a metodologia utilizada para realização do trabalho. Em seguida, na Seção 3, é apresentado desenvolvimento da oficina junto com o referencial teórico

que possibilitou desenvolver este trabalho. A Seção 4 apresenta os resultados obtidos e discussão sobre estes. Por fim, a Seção 5 apresenta as considerações finais do trabalho.

2 METODOLOGIA

A oficina de inclusão digital para idosos teve como público alvo moradores do bairro do Alto da Maravilha, em Senhor do Bonfim, Bahia. O Alto da Maravilha se caracteriza por ser um quilombo urbano e abriga mais de 17 mil pessoas, mais de um quarto da população do município. O local também é caracterizado por abrigar pessoas de baixa renda e com pouco acesso a serviços básicos como educação e saúde, tornando ainda mais necessária a realização de projetos como esse.

A oficina desenvolveu-se no Centro Social Urbano (CSU), em parceria com a Associação Quilombola da Comunidade Urbana do Alto da Maravilha no período de 31 de julho a 21 de agosto de 2019. A carga horária total da oficina foi de 20 horas, divididas em 10 encontros de 2 horas, alocados três por semana.

O trabalho contou com as seguintes etapas: (1) pesquisa bibliográfica e construção de plano de estágio; (2) planejamento das aulas; (3) divulgação e inscrição; (4) execução da oficina; (5) análise dos resultados e escrita de relatório.

A pesquisa bibliográfica serviu não apenas para embasar o método de ensino, mas também para conhecer melhor o contexto da educação voltada a idosos e a educação em espaços não formais.

O plano de estágio buscou definir objetivos, metas e tornar claro a todos os envolvidos os procedimentos adotados na prática. Assim, foi possível verificar possíveis riscos e falhas, aumentando a capacidade de sucesso do projeto.

O planejamento das aulas, a partir da pesquisa bibliográfica e do plano de estágio, permitiu escolher a metodologia própria para o ensino dos conteúdos e definir o ritmo da oficina, de modo a tornar a prática mais acessível ao público alvo.

A divulgação se deu com ajuda do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade.

A coleta de resultados aconteceu, primeiro, através da observação da participação dos alunos na oficina. A segunda forma utilizada foi através de dois questionários. O primeiro questionário foi aplicado na primeira aula. Nele, foi buscado conhecer o nível de afinidade dos alunos com tecnologia. O segundo questionário, aplicado na última aula, objetivou coletar impressões subjetivas acerca da oficina.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 EDUCAÇÃO INFORMAL E ESPAÇOS NÃO FORMAIS

A educação informal, segundo Gohn (2006), é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc. porém, existem dois tipos de espaços não formais.

Para Jacobucci (2008) os espaços não formais estão em duas categorias, as instituições, como Museus, Centros de Ciência, Parques Ecológicos, Planetários, Jardins botânicos, Institutos de pesquisa, entre outros, e locais que não são instituições como parques, teatros, em casa, praças, campos de futebol, feiras, mercados etc.

O Centro Social Urbano se enquadra em um espaço não formal institucionalizado, já que também de acordo com Jacobucci (2008) Os espaços Institucionalizados podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas.

3.2 DIREITOS DOS IDOSOS E OFICINA DE INCLUSÃO DIGITAL

O envelhecimento é inevitável, porém, ser idoso, não significa ser uma pessoa dispensável, como muitas pessoas pensam, que não possuem mais prazeres, lazer, função social e capacidade de aprendizado. Os idosos são, de modo geral, vistos de acordo com estereótipos (PASCHOAL, 2002, p.82).

De acordo com o Estatuto do Idoso, o idoso deve ser ainda mais respeitado, estimulado e zelado. O mesmo Estatuto, no Art. 21, dispõe que “cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna” (BRASIL, 2003).

Atualmente, a tecnologia é responsável por trazer grandes facilidades no cotidiano das pessoas, proporcionar experiências que seriam quase impossíveis sem um computador ou celular, além de automatizar parte das atividades dos setores produtivos. Porém, também é responsável por gerar um grande número de analfabetos digitais (ALVES, 2008 *apud* SILVA e MIRANDA, 2016). Parte desses “analfabetos” correspondem a idosos que, muitas vezes, não

tem a oportunidade de serem incluídos no mundo digital, seja por falta de incentivo dos familiares, de problemas relacionados a saúde ou falta de ofertas de cursos de inclusão digital.

3.3 PRIMEIRO ENCONTRO

A primeira aula da oficina de inclusão digital com idosos começou às nove horas da manhã, com sete alunas e uma representante do CRAS, que estava responsável pelas idosas. Esta acabou, após ver como a atividade estava a ser desenvolvida, por tornar-se também aluna da oficina.

Inicialmente, fez-se apresentação formal do estagiário, os objetivos e organização da oficina e o contexto da qual ela fazia parte. Antes de iniciar a parte prática, realizou-se questionário para conhecer o nível de intimidade com a tecnologia e o que as alunas esperavam da oficina.

Após o preenchimento do questionário, iniciou-se debate sobre uma questão específica do mesmo, sobre o que elas gostariam de aprender na oficina. Detectou-se que muitas apontaram que gostariam de aprender “tudo”. Todavia, esta resposta não torna claro seus desejos e expectativas. Foram, então, provocadas a detalhar melhor através da pergunta: “quando vocês seguram o telefone, vocês olham e pensam: eu gostaria de aprender isso, esse isso, o que seria?” Então, começaram a ser mais específicas com respostas como: “gostaria de aprender o *status* do *WhatsApp*”; “gostaria de aprender a digitar”; “gostaria de aprender a adicionar contatos no meu telefone”; “gostaria de tirar fotos”; “não sei tirar foto de frente” (*selfie*). Assim, foi possível ter uma base do nível de cada uma e se seria necessária reorganização das próximas aulas.

A seguir, apresentou-se uma lista de tópicos que seriam aplicados na oficina de acordo com o projeto que foi escrito para o desenvolvimento da mesma, iniciando com conteúdos básicos, como destravar o celular e fazer ligações a assuntos mais avançados, como criação de e-mail, e utilização de redes sociais.

Realizou-se, então, levantamento dos tópicos que já eram conhecidos por todas as alunas. Esclareceu-se que a oficina iria se basear nas funções que a maioria não sabia e que se houvesse alguém que sabia “nada”, a oficina começaria pelo mais básico possível.

Seguindo os tópicos selecionados na lista, ensinou-se como bloquear o celular com senha. A maioria dos dispositivos não tinham senha ou apresentavam somente a função de desbloquear a tela deslizando. Foi explicado que uma senha quase sempre era indicada por motivos de segurança.

Durante o processo, percebeu-se receio exagerado por parte de uma idosa. Ela foi questionada se sabia fazer uma ligação ou conversar pelo *WhatsApp*. Sua resposta foi positiva para ambas. Foi dito a ela que, provavelmente, ela sabia bastante coisa e que não deveria ter medo do *smartphone*, de aprender algo novo e não ter medo de errar e pedir ajuda. Isso corrobora o ponto de Souza (2002, p. 879) que o idoso tem opiniões formadas e conceitos cristalizados. Ele, muitas vezes, não acredita no poder vital de suas potencialidades e capacidades, que podem ser desenvolvidas nesta etapa de sua vida.

Algumas alunas conseguiram acompanhar a explicação sobre como bloquear o dispositivo móvel. Outras, porém, não, mesmo repetindo e de maneira vagarosa. O processo foi repetido junto com as que não obtiveram sucesso. Desse modo, todas conseguiram colocar a senha e bloquear o celular. Todas as alunas foram bem pacientes e esperaram sua vez.

Para fixação do conteúdo, foi pedido que repetissem o mesmo processo novamente, porém, que colocassem, como senha, o dia e o mês que nasceram. Algumas conseguiram fazer sozinhas. Com outras foi necessário auxílio do professor para redefinição de senha.

Durante o processo de mudança de senha, uma das alunas explicitou que a tela sempre ficava “apagando”, então, como último tópico, foi ensinado a aumentar ou diminuir o tempo de espera para descanso de tela.

Ao fim da aula, uma aluna pediu ajuda com um defeito de *software* no seu celular, porém, como o tempo da aula já havia terminado, o estagiário se prontificou a pesquisar sobre o problema e tentar resolvê-lo em momento futuro.

3.4 SEGUNDO ENCONTRO

No segundo dia da oficina, estavam presentes 10 alunas, três a mais que no dia anterior. O tema da aula foi fotografia. Propuseram-se alguns objetivos, dentre eles: tirar uma foto do monitor dos computadores do CSU; uma *selfie* junto com outra pessoa; uma foto que enquadrasse todas as pessoas da sala e uma *selfie* que também enquadrasse todas as pessoas da sala. Uma das alunas novas não possuía *smartphone*, então o estagiário cedeu o seu próprio para que participasse da aula.

A partir da observação de como estavam tirando fotos do monitor dos computadores, ensinou-se como tirar fotos na horizontal. As alunas ficaram impressionadas ao perceberem que a câmera pegava mais informação com o celular na horizontal.

Enquanto tiravam fotos do monitor, percebeu-se dificuldade em fazer o enquadramento do objeto no centro da câmera. Com o auxílio do estagiário, ajustou-se o ângulo do celular até

ficar na posição ideal. Algumas alunas tinham problemas em manter o celular em posição estável, o que também tornou necessária intervenção do estagiário até conseguirem tirar uma foto com qualidade mais aceitável.

Quando tiraram *selfies* com outra pessoa, foi percebido que as alunas estavam muito entretidas e felizes em estarem conseguindo tirar foto por si só. Houve auxílio mútuo entre elas. Foi necessária intervenção do estagiário apenas para regular a altura que o celular deveria ficar para um enquadramento melhor.

O último objetivo foi tirar uma foto que enquadrasse todas as pessoas da sala. Então, o estagiário, aluna por aluna, mostrou como tirar foto com a câmera traseira e com a câmera frontal. Todas as alunas conseguiram realizar as atividades.

Durante o decorrer da aula, foram tiradas algumas dúvidas além do conteúdo proposto para o encontro. A mais relevante foi de como adicionar novos contatos no celular e mandar mensagens para os mesmos no *WhatsApp*.

Depois que as alunas foram embora, o estagiário ensinou, a uma das novas alunas, o assunto da aula anterior. Dez minutos apenas foram necessários para o resultado positivo.

3.5 TERCEIRO ENCONTRO

No terceiro dia de aula mais duas idosas se juntaram ao grupo. Três representantes do CRAS também estavam presentes para verificar como a oficina estava se desenvolvendo. O tema da aula foi continuação da aula anterior, porém, por causa do mal tempo, as fotos não puderam ser tiradas na área externa como planejado, então, continuou-se a praticar *selfies*, fotos da turma e esclarecimento de dúvidas.

Das duas alunas novas, foi necessário ensinar o conteúdo da aula anterior apenas a uma, já que a outra já sabia manusear essa parte básica do dispositivo.

Foi ensinado como excluir as fotos salvas na galeria e como fazer o compartilhamento via *WhatsApp*. A explicação deu-se a cada uma pessoalmente já que o modo de realizar esta atividade depende do modelo do celular.

Como terceira atividade, ensinou-se o passo a passo de como se conectar a uma rede *WIFI*. Algumas alunas necessitaram de auxílio para digitação, porém todas conseguiram executar a atividade perfeitamente.

3.6 QUARTO ENCONTRO

O quarto encontro começou com a resposta a dúvidas sobre os assuntos da aula anterior. O foco do restante da aula foi como fazer pesquisas na *internet* utilizando o *Google Chrome*.

Durante a realização da atividade, notou-se a desenvoltura da aluna mais idosa da turma (mais de 80 anos de idade). Ela demonstrou bastante curiosidade e interesse.

3.7 QUINTO ENCONTRO

Na quinta aula, abordou-se a criação de correio eletrônico. O serviço utilizado foi o *Gmail*, presente em todos os dispositivos das alunas. A aula apresentou uma série de obstáculos por ser um assunto mais complexo se comparado ao das aulas anteriores, além da diversidade de modelos de celular tornar difícil um procedimento único. Outro obstáculo foi a lentidão de alguns aparelhos, o que dificultou muito o andamento da aula.

A dificuldade na digitação por parte das alunas também foi fator que agravou as dificuldades encontradas durante a aula. De acordo com Tavares e Souza (2012), é comum que parte da população idosa apresente no decorrer de sua vida dificuldades de ordem cognitiva, motora, talvez financeira, que podem ser fatores limitantes ao acesso às novas tecnologias.

A aula, neste dia, estendeu-se 30 minutos além do planejado inicialmente.

3.8 SEXTO ENCONTRO

O assunto escolhido para o sexto encontro foi redes sociais. Inicialmente, seria continuado o assunto da aula anterior, porém escolheu-se um assunto menos complexo para que as alunas conseguissem sentir que estavam progredindo mais facilmente, já que a aula passada elas tiveram bastante dificuldade na questão da criação do e-mail.

O foco da aula foi sanar todas as dúvidas que elas tinham a respeito do *WhatsApp*, como a questão de acentuação, digitação, compartilhamento de fotos da galeria até um contato específico do *WhatsApp* e *status*. Nessa aula, como o assunto era mais fácil de se absorver, o conteúdo fluiu bem, sem muitas dificuldades, somente com alguns problemas de performance no celular de uma das alunas.

3.9 SÉTIMO ENCONTRO

O sétimo encontro dedicou-se ao uso do correio eletrônico. As alunas, divididas em duplas, praticaram o envio de *e-mails* entre si. A maior dificuldade desta aula, mais uma vez, foi a digitação. Por vezes, os *e-mails* não chegavam ao destinatário porque o endereço de

destino estava sendo digitado erroneamente. Graças à intervenção do estagiário foi possível que a atividade fosse completada com sucesso.

3.10 OITAVO ENCONTRO

O oitavo encontro foi dividido em tirar dúvidas das alunas acerca do conteúdo da aula anterior e continuar praticando o envio de e-mails e aperfeiçoamento da digitação. Uma das alunas queria cadastrar o *e-mail* em um *site* específico. O estagiário ensinou a mesma como acessar, cadastrar-se e familiarizar-se com as funções no *site*.

3.11 NONO ENCONTRO

A nona aula teve como foco o uso do *YouTube*. Inicialmente, falou-se dos benefícios do *Youtube* em relação a entretenimento, informação e estudo. Foi pedido que entrassem no aplicativo e que ficassem livres para acessar o conteúdo que quisessem. Ensinou-se como pesquisar, entrar nos vídeos, entrar nos canais e acessar as *playlists* de vídeos.

Apenas uma aluna não conseguiu acessar o *YouTube* durante a aula. Isso ocorreu devido a versão do seu *Android* ser muito antiga.

3.12 DÉCIMO ENCONTRO

O último encontro foi dividido em aplicação de um questionário, como instalar aplicativos através de *PlayStore* e uma confraternização de encerramento.

Após a aplicação do questionário para saber o que as participantes da oficina tinham achado de todo o período da oficina, respondeu-se alguns questionamentos sobre a aula anterior.

Como conteúdo da aula, abordou-se a instalação de aplicativos. Ensinou-se como entrar na *PlayStore* e baixar aplicativos. Baixou-se o aplicativo “Tudogostoso”, um compilado de receitas muito intuitivo e fácil de se utilizar. As alunas ficaram impressionadas com a quantidade de receitas que podiam ser encontradas em um local só. Então, partiram para outros aplicativos de acordo com suas necessidades, como Uber e alguns jogos por exemplo.

Uma das alunas comentou que não merecia receber o certificado porque já tinha esquecido praticamente tudo que tinha aprendido (por problemas pessoais teve que faltar as últimas duas aulas). O estagiário percebeu que ela estava se sentindo inferiorizada por conta das colegas estarem comentando que tinham aprendido muita coisa na oficina. Foi pedido, então, que expusesse suas dúvidas. Durante a aula, o estagiário passava mais vezes nela

perguntando se tinha alguma nova dúvida e explicava como solucionar o problema. Todavia, depois de um tempo, a mesma falou que teria que se retirar por conta de uns afazeres pessoais e que não poderia esperar para receber o certificado. Todas tentaram convencê-la a ficar já que era a última aula, mas, vendo que não estava surtindo efeito o estagiário adiantou a confraternização para que ela pudesse participar do recebimento e fotos. Ficou evidente que ela realmente estava incomodada com o fato de estar um pouco mais atrasada que as outras da turma.

Ao fim da aula, foi feita uma confraternização e entrega dos certificados com participação das responsáveis pelo CRAS.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a criação de uma base de dados com informações acerca dos conhecimentos das participantes presentes na oficina de inclusão digital, dois questionários foram aplicados durante a oficina, um no primeiro dia, para obter informações sobre a afinidade que elas tinham com algumas tecnologias e o outro no último dia de aula para saber as impressões que elas tiveram sobre a oficina.

Das doze participantes da oficina, somente duas não tinham contato com o *smartphone*. Uma por motivos de não saber utilizar e outra porque não tinha o aparelho. Com essa última, a cada aula, o estagiário emprestava seu celular para que ela pudesse participar. Ela, senhora mais idosa do grupo, acabou sendo uma das alunas mais proativas da oficina.

A maioria das idosas durante diálogo no decorrer do preenchimento do primeiro questionário comentou que a necessidade de aprender a utilizar o celular era grande, tanto para comunicação quanto para que pudessem utilizar suas principais funcionalidades, como a câmera.

Uma única idosa participou de outro curso relacionado a inclusão digital, um curso de informática. Porém, de acordo com ela, já havia esquecido boa parte das coisas que aprendeu por falta de prática, já que não tinha computador em casa. Percebe-se aí a importância sempre manter cursos continuados, para que este público esteja sempre em contato com as diversas tecnologias. Para Silva, et al. (2005) a inclusão digital deve ser vista sob o ponto de vista ético, sendo considerada como uma ação que promoverá a conquista da “cidadania digital” e contribuirá para uma sociedade mais igualitária, com a expectativa da inclusão social.

Dentre as 11 alunas que terminaram o curso, percebeu-se a satisfação em atingir com sucesso o final da oficina. Algumas tinham mais facilidades que outras. Foi possível perceber

que a questão da facilidade era o contato diário com o celular. As seis alunas que marcaram, no segundo questionário, que não tinham nenhuma dificuldade foram as que tinham contato contínuo e intenso com o celular, não somente presas a funções básicas, como ligar e receber chamadas. Elas tinham um conhecimento prévio antes de entrar na oficina.

As alunas indicaram que, além dos conteúdos apresentados, também tinham interesse em aprender a utilizar o *Facebook*, mas isso não foi possível devido a carga horária limitada da oficina. Algumas indicaram que a oficina melhorou sua qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição de conhecimento e a nova visão de mundo obtida pela experiência promovida pelo desenvolvimento da oficina de inclusão digital, trouxe como consequência, um novo nível de amadurecimento para o estagiário no cenário da educação, do ensino, do relacionamento interpessoal e da forma de adaptação da metodologia utilizada em sala de aula e acordo com os participantes, a partir da análise dos indivíduos e de estudos acerca do público que está se ensinando, dessa forma, respeitando as limitações de cada um e permitindo que o conhecimento fosse absorvido da maneira mais efetiva possível. É possível afirmar que a oficina não apenas serviu para o ensino do educando, mas também para o ensino do educador.

A Oficina de Inclusão Digital: Atualizando uma Geração utilizando *Smartphones* foi um sucesso de aprovação por parte dos participantes e dos membros responsáveis por eles. Isso se deve ao fato de que todo o conteúdo foi ministrado com extrema paciência, clareza e com foco na fixação a partir de repetições de cada etapa do assunto. Com isso, o nível de absorção do conteúdo foi consistente e conseqüentemente a satisfação dos alunos também. Desse modo, cumpriu-se o objetivo da oficina de aumentar o número de idosos incluídos digitalmente, socialmente e tendo autonomia na utilização de *smartphones*.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto do Idoso.** (2003). Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.741.html>>. Acesso em: 02 de setembro de 2019.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola.** Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas Educacionais. Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. p. 28.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação. **IBGE**, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

JACOBUCCI, Daniela F. C. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica**. Em extensão, v.7: Uberlândia, 2008.

MARTINS, C. J. B. N.; PRESSER, N. H. **A Promoção da Cidadania por Meio do Acesso à Informação**. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, João Pessoa, v. 10, n.1, p. 133-150, 2015.

PASCHOAL, S. M. P. **Qualidade de vida na velhice**. In: E. V. Freitas, L. Py, A. L. Neri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni, S. M. Rocha (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 79-84). Rio de Janeiro, 2002: Guanabara Koogan.

PINTO, A. E. de S. **Uso de celular e rede social prolonga saúde mental de idosos**. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/04/uso-de-celular-e-rede-social-prolonga-saude-mental-de-idosos.shtml>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

RAYMUNDO, T. M. **Aceitação de Tecnologias por Idosos**. 2013. 89 f. Dissertação (Mestrado em Bioengenharia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Helena. et al. **Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania**. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p.28-36, jan./abr. 2005.

SILVA, J. L.; MIRANDA, M. V. C. **INCLUSÃO DIGITAL PARA IDOSOS NO BREJO PARAIBANO**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA11_ID1802_26082016230401.pdf>. Acesso em: 02 de setembro de 2019.

SOUZA, M. G. C. (2002). **Musicoterapia e a clínica do envelhecimento**. Em: E. V. Freitas, L. Py, A. L. Neri, F. A. X. Cançado, M. Gorzoni & S. M. Rocha. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. pp.872-881. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

TAVARES, M. K., SOUZA, S. T. C. **Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação**. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/30915/19244>>. Acesso em: 02 de setembro de 2019.

World Health Organization; **Envelhecimento ativo: uma política de saúde** / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il.